

RESUMO SIMPLES



ENTRE A CAATINGA E O SAGRADO: A MEMÓRIA DE LAMPIÃO E MARIA BONITA NA RELIGIOSIDADE POPULAR E NA UMBANDA

Francisco Everardo Parente¹
João Vitor Duarte Mendes²

O cangaço constitui um dos fenômenos históricos, sociais e culturais mais significativos da história do Nordeste brasileiro. Desenvolvido principalmente entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, esteve relacionado às condições sociais do sertão, às disputas familiares, às relações de poder, às vinganças, aos conflitos políticos e à atuação de grupos armados que enfrentavam as forças policiais. Entre os personagens que mais se destacaram nesse universo está Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, cuja trajetória tornou-se referência para diferentes representações sobre o cangaço. Ao seu lado, Maria Gomes de Oliveira, conhecida como Maria Bonita, também passou a ocupar lugar de destaque na memória social e cultural do Nordeste. A compreensão do cangaço, entretanto, exige superar interpretações simplificadoras que o apresentem somente como fenômeno de criminalidade ou, em sentido contrário, como experiência exclusivamente heroica. O cangaço foi marcado por violência e conflitos, mas esteve inserido em uma sociedade sertaneja que possuía formas próprias de organização social, cultural e religiosa. Nesse contexto, a religiosidade popular constitui uma dimensão importante para compreender a experiência dos cangaceiros.

O sertão nordestino era profundamente marcado pelo catolicismo popular, pelas devoções aos santos, orações, novenas, promessas, peregrinações e práticas de proteção religiosa. O estudo de Max Silva D'Oliveira demonstra que a religiosidade também fazia parte da experiência de Lampião. Segundo o autor, apesar de sua vida no cangaço e das práticas violentas relacionadas a esse universo, Lampião não abandonou sua fé em Deus, sua devoção aos santos católicos e sua admiração por Padre Cícero Romão Batista, a quem considerava um homem santo. Essa constatação permite compreender que religiosidade e experiência cangaceira não devem ser tratadas como dimensões necessariamente incompatíveis. A relação entre Lampião e Padre

¹ Francisco Everardo Parente, Universidade Regional do Cariri - URCA, História, E-mail: parentef823@gmail.com

² João Vitor Duarte Mendes, Universidade Regional do Cariri - URCA, História, E-mail: joao.duartemendes@urca.br

Cícero também demonstra a proximidade entre o universo do cangaço e a religiosidade popular presente no sertão nordestino.

Em 1926, Lampião esteve em Juazeiro do Norte, ocasião que produziu importantes registros históricos e contribuiu para a construção posterior de sua imagem. A pesquisa de Wescley Rodrigues Dutra, baseada na entrevista concedida por Lampião ao médico Otacílio Macêdo durante sua passagem por Juazeiro do Norte, demonstra que o próprio cangaceiro procurou construir determinada representação sobre sua trajetória. Segundo Dutra, Lampião buscava apresentar-se como alguém que havia sido levado ao cangaço pelas injustiças, conflitos e necessidade de defender a honra familiar, contrapondo essa narrativa à representação jornalística que o apresentava como criminoso cruel. Dessa maneira, percebe-se que a imagem de Lampião foi construída por diferentes discursos ainda durante sua vida e continuou sendo reelaborada após sua morte.

O objetivo geral deste estudo é analisar as relações entre o cangaço, a religiosidade popular nordestina e o processo de ressignificação das figuras de Lampião e Maria Bonita em determinados contextos da Umbanda. Busca-se compreender o cangaço como fenômeno histórico, social e cultural, considerando as condições do sertão e as diferentes interpretações construídas sobre os cangaceiros. Pretende-se também discutir a presença da religiosidade no universo cangaceiro, especialmente a experiência religiosa de Lampião e sua relação com o catolicismo popular e com Padre Cícero. Outro objetivo consiste em compreender a construção da memória de Lampião e Maria Bonita após suas mortes, observando como suas imagens passaram a circular em diferentes manifestações da cultura popular. Por fim, procura-se analisar a presença desses personagens em determinados contextos da Umbanda, compreendendo essa ocorrência como processo de ressignificação religiosa da memória.

O estudo parte da compreensão de que uma personagem histórica pode assumir diferentes significados conforme o contexto em que é lembrada, representada ou reinterpretada. Assim, o Lampião histórico, o Lampião presente no imaginário cultural nordestino e o Lampião associado a determinadas experiências religiosas não devem ser automaticamente considerados como uma única representação. A mesma perspectiva é aplicada a Maria Bonita, cuja memória passou por diferentes processos de construção. Dessa forma, o objetivo não é estabelecer uma relação direta ou automática entre o cangaço histórico e a Umbanda, mas compreender os processos culturais e religiosos que permitem que determinados personagens históricos sejam reinterpretados e recebam novos significados.

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e caracteriza-se como bibliográfica e documental, fundamentada na análise de artigos científicos, estudos acadêmicos e documentos relacionados ao cangaço, à religiosidade popular, à memória e às religiões afro-brasileiras. O estudo foi organizado em três eixos principais: o primeiro relacionado ao cangaço enquanto fenômeno histórico e cultural; o segundo direcionado à religiosidade presente no universo sertanejo e à experiência religiosa de Lampião; e o terceiro voltado à memória de Lampião e Maria Bonita e à sua posterior ressignificação em determinados contextos religiosos da Umbanda. Para discutir a religiosidade de Lampião, utiliza-se como referência central o trabalho de Max Silva D'Oliveira, publicado na *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, da Universidade Federal da Paraíba. O estudo demonstra que a religiosidade fazia parte da experiência de Lampião, destacando sua fé em Deus, sua devoção aos santos católicos e sua relação com Padre Cícero.

Também é utilizado o estudo de Wescley Rodrigues Dutra sobre a entrevista de Lampião realizada em Juazeiro do Norte em 1926. O autor utiliza como fonte documental a reportagem publicada no jornal *O Ceará* e analisa a maneira como Lampião procurou elaborar um discurso sobre sua própria trajetória. A metodologia também considera estudos brasileiros sobre a Umbanda e as religiões afro-brasileiras, procurando compreender a diversidade dessas manifestações religiosas. A análise não pretende confirmar ou negar a existência espiritual das entidades, pois o objetivo acadêmico é compreender o significado cultural e religioso atribuído a elas pelos praticantes. Dessa maneira, quando se aborda Lampião e Maria Bonita como entidades, a análise concentra-se no processo de ressignificação simbólica e religiosa, evitando transformar uma experiência específica de determinados terreiros em característica geral de toda a Umbanda.

Os resultados indicam, inicialmente, que o cangaço foi um fenômeno complexo, construído em meio a diferentes condições sociais e políticas do sertão nordestino. A existência dos grupos cangaceiros esteve relacionada a conflitos, vinganças, relações de poder e enfrentamentos armados, mas também produziu formas próprias de organização, códigos de comportamento, relações de solidariedade e estratégias de construção de reputação. Por esse motivo, compreender o cangaço exige superar interpretações exclusivamente simplificadoras. Lampião tornou-se o principal símbolo desse universo e sua imagem passou a ser disputada por diferentes narrativas.

O estudo de Dutra evidencia que o próprio Lampião participou da construção de sua representação pública. Na entrevista concedida em 1926, procurou apresentar sua trajetória a partir da perspectiva de alguém que teria sido levado à violência por conflitos familiares, injustiças e necessidade de vingança. Isso demonstra que a construção da memória de Lampião começou ainda durante sua vida. Depois de sua morte, sua imagem continuou sendo modificada, passando a circular na literatura de cordel, música, cinema, televisão e outras manifestações culturais. A representação de Lampião como “rei do cangaço”, por exemplo, contribuiu para sua transformação em personagem simbólico, enquanto outras narrativas continuaram enfatizando sua atuação violenta. Dessa maneira, não existe uma única memória sobre Lampião, mas diferentes formas de lembrar e interpretar sua trajetória.

Outro resultado importante diz respeito à religiosidade. A pesquisa de D'Oliveira demonstra que Lampião manteve uma relação significativa com a religião católica. Sua fé em Deus, devoção aos santos e relação com Padre Cícero revelam que o universo religioso estava presente em sua experiência. Esse aspecto é especialmente importante para compreender o contexto cultural do sertão, no qual a religiosidade fazia parte do cotidiano e das formas de interpretar situações de sofrimento, perigo, doença, morte e esperança. Reconhecer essa dimensão religiosa, entretanto, não significa justificar ou legitimar as ações violentas atribuídas ao cangaceiro. A análise procura compreender a complexidade de sua experiência, demonstrando que diferentes dimensões podem coexistir na trajetória de um indivíduo.

A relação com Padre Cícero é particularmente significativa. Lampião esteve em Juazeiro do Norte em 1926, e sua passagem pela cidade tornou-se episódio importante tanto para a história do cangaço quanto para a memória religiosa do município. A entrevista analisada por Dutra ocorreu justamente nesse contexto. A aproximação entre Lampião e Padre Cícero evidencia o encontro de duas dimensões que posteriormente passaram a ocupar lugares distintos no imaginário nordestino: a religiosidade representada pelo sacerdote e o cangaço representado

por Lampião. Historicamente, entretanto, essas dimensões estiveram próximas e faziam parte de uma mesma realidade sertaneja.

A pesquisa também evidencia a importância de Maria Bonita. Durante muito tempo, as narrativas sobre o cangaço privilegiaram os homens, especialmente Lampião, enquanto as mulheres foram frequentemente representadas apenas como acompanhantes dos cangaceiros. Estudos sobre as mulheres do cangaço demonstram a necessidade de ampliar essa perspectiva e reconhecer sua participação na experiência cangaceira. Maria Bonita tornou-se uma das figuras femininas mais conhecidas do imaginário nordestino. Sua imagem passou a ser reproduzida em diferentes manifestações culturais, sendo associada ao cangaço, à identidade regional e à figura da mulher sertaneja. Dessa maneira, sua representação ultrapassou a condição de companheira de Lampião e passou a integrar diferentes discursos sobre a presença feminina no cangaço.

É nesse processo de construção e reconstrução da memória que surge a discussão sobre Lampião e Maria Bonita em determinados contextos da Umbanda. Os resultados indicam que essa presença deve ser entendida como uma forma de ressignificação. Personagens que originalmente pertenciam ao universo histórico do cangaço são reinterpretados dentro de uma experiência religiosa. Nesse novo contexto, características atribuídas aos cangaceiros podem receber outros sentidos, como coragem, resistência, força, proteção e enfrentamento. Isso não significa necessariamente reproduzir ou defender a trajetória histórica de Lampião, mas transformar simbolicamente sua imagem e incorporá-la a outro sistema de significados.

Essa questão é importante para a compreensão da diversidade religiosa. A religião pode reelaborar personagens, símbolos e elementos presentes na cultura. Dessa maneira, uma figura que em determinado momento histórico foi considerada criminosa pode, em outro contexto, adquirir significados relacionados à proteção, à força ou à resistência. Isso não significa apagar a violência existente em sua trajetória histórica, mas compreender que a memória social seleciona e reorganiza diferentes aspectos do passado. O mesmo processo pode ser aplicado a Maria Bonita, cuja imagem, em determinados contextos religiosos, pode ser associada à força feminina, coragem e resistência.

É importante reconhecer, entretanto, a diversidade existente na Umbanda. Não existe uma única forma de organização ou uma única prática ritual que represente todos os terreiros. Portanto, afirmar que “a Umbanda cultua Lampião e Maria Bonita” seria uma generalização inadequada. A formulação mais apropriada é que, em determinados terreiros ou segmentos umbandistas, figuras relacionadas ao cangaço podem ser incorporadas ao universo das entidades espirituais. O fenômeno deve ser analisado de maneira localizada e contextualizada.

A partir dessa discussão, pode-se compreender a relação entre cangaço, memória e Umbanda por meio de três momentos: história, memória e ressignificação religiosa. No primeiro, temos Lampião e Maria Bonita como personagens históricos. No segundo, suas trajetórias são reconstruídas pela memória social e pela cultura popular. No terceiro, em determinados contextos religiosos, essas imagens são novamente reinterpretadas e incorporadas a uma cosmologia espiritual. Essa dinâmica demonstra que a memória não é estática, sendo constantemente reconstruída pelos grupos sociais.

A transformação de Lampião em entidade religiosa não significa necessariamente que a religião esteja afirmando que ele foi historicamente um santo ou herói. São categorias

diferentes. A experiência religiosa produz uma leitura simbólica que não precisa coincidir com a avaliação histórica do personagem. Por isso, a pesquisa não pretende defender nem condenar a representação religiosa de Lampião e Maria Bonita, mas compreender os significados atribuídos a essas figuras pelos grupos que produzem e vivenciam determinadas experiências religiosas.

Conclui-se que a relação entre cangaço, religiosidade popular e Umbanda é marcada por processos de memória, apropriação cultural e ressignificação religiosa. A pesquisa demonstra que o cangaço não pode ser compreendido apenas pela perspectiva da violência, assim como seus personagens não possuem uma única representação. A experiência religiosa de Lampião, sua relação com Padre Cícero e sua inserção em uma sociedade marcada pelo catolicismo popular revelam a complexidade do universo sertanejo. Da mesma forma, a trajetória de Maria Bonita demonstra a importância de reconhecer a presença feminina no cangaço e as diferentes formas pelas quais sua imagem foi posteriormente reconstruída.

A presença de Lampião e Maria Bonita em determinados contextos da Umbanda demonstra que personagens históricos podem adquirir novos significados quando incorporados a diferentes sistemas culturais e religiosos. O Lampião histórico não é necessariamente o mesmo Lampião presente no imaginário popular, assim como o Lampião associado a determinadas experiências umbandistas não deve ser confundido com o personagem histórico. O mesmo ocorre com Maria Bonita. Dessa maneira, estudar essas figuras no contexto religioso não significa afirmar que foram historicamente santos ou justificar suas ações, mas compreender como suas memórias são reinterpretadas. Assim, o estudo contribui para compreender a dinâmica entre história, memória, cultura popular e religiosidade, demonstrando como o passado permanece vivo e pode ser constantemente reconstruído por diferentes grupos sociais e religiosos.

Palavras-chave: Cangaço; Religiosidade popular; Lampião; Maria Bonita; Umbanda; Memória; Ressignificação.

REFERÊNCIAS

D'OLIVEIRA, Max Silva. O cangaço e a religiosidade de Lampião. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: [Periódicos da UFPB – artigo “O cangaço e a religiosidade de Lampião”](#).

DUTRA, Wescley Rodrigues. Forjando um espaço discursivo para si: Lampião entrevistado. *Cangaço em Revista*. Disponível em: [Cangaço em Revista – UNEB](#).

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, Universidade de São Paulo.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004.

Possessão e inversão da subalternidade: com a palavra, Pombagira das Rosas. *Psicologia & Sociedade*. Artigo utilizado para a discussão sobre a presença de figuras socialmente marginalizadas e personagens do cangaço no universo religioso umbandista.

